

1. MANUEL TOMAZ (GASPAR DA COSTA), ESCRITOR PICO, CONVIDADO. AICL



Manoel Tomaz Gaspar da Costa (Manuel Tomás) nasceu na Madalena do Pico, em 25 de setembro de 1950. Residente na ilha do Pico. Casado duas vezes. Pai de dois filhos e avô de três netas e de um neto.

1. Formação:

Fez o ensino primário nas Sete Cidades - Madalena; frequentou os seminários de Ponta Delgada (dois anos) e o de Angra do Heroísmo (quatro anos e quatro meses) e concluiu o curso dos Liceus, na Horta, em 1969. Concluiu a licenciatura em Filologia Clássica, na Faculdade de Letras de Lisboa, e obteve a profissionalização como professor do ensino secundário, no Liceu de Queluz, em 1976.

2. Ação profissional docente:

Foi professor de Português, Latim e Iniciação ao Jornalismo em escolas secundárias: em Oeiras, em Queluz, na Horta, em São Roque do Pico e na Madalena do Pico; orientador de estágio em Língua Portuguesa e professor do Magistério Primário da Horta.

3. Cargos exercidos na área profissional:

3.1. Exerceu o cargo de presidente dos conselhos diretivos da Escola Secundária da Horta, no Faial (4 anos), da Escola Básica e Secundária de São Roque do Pico (8 anos) e de presidente da comissão instaladora e do conselho executivo da Escola Básica e Secundária da Madalena do Pico (17 anos). Nessas mesmas escolas foi presidente do conselho pedagógico e do conselho administrativo.

3.2. Presidente da Comissão da Avaliação do Sistema Educativo Regional dos Açores; relator da Comissão de Coordenação do Sistema Educativo Regional dos Açores; membro da Comissão do Currículo Regional dos Açores; representante dos Açores no Instituto Nacional da Formação de Professores; presidente da Comissão Científica do Plano Regional de Leitura.

4. Publicações feitas:

4.1. *Eça, Stau Monteiro e Pessoa e Para um Estudo Atualizado do Português* (Didática Editora, Lisboa, 1977) – livros didáticos;

Edição crítica de *Miragem do Tempo* de Tomás da Rosa (Núcleo Cultural da Horta, 1996);

A Música das Sete Cidades (Círculo de Amigos da Ilha do Pico, Madalena, 1999);

Preparação e organização dos textos de *Ilha Morena* (Núcleo Cultural da Horta, 2003) e *A Tarde e a Sombra* (Núcleo Cultural da Horta, 2005), livros de contos de Tomás da Rosa;

Entre Sei Lá e o Quê (poesia), em colaboração com Marta Oliveira, Edições Vieira da Silva, Lisboa, 2012;

Picolândia, (crónicas), Companhia das Ilhas, Lajes, 2012;

Maroiço (poesia), Companhia das Ilhas, Lajes, 2013;

Nunes da Rosa – Estudo e Antologia, Companhia das Ilhas, Lajes, 2013;

Hélder Fernandes empreendedor, ed. de autor, Madalena, 2013;

O Pintor Excessivo (romance), Edições Parsifal, Lisboa, 2015;

Ainda Há a Chuva a Cair (poesia), Companhia das Ilhas, Lajes, 2015

De Amicitia (poesia), edição de autor, em colaboração com Marta Oliveira e Gracinda André, Madalena, 2016.

Falquejando os Dias (poesia), Companhia das Ilhas, Lajes, 2018 (no prelo)

Contos da Meia Broa, (narrativas), Companhia das Ilhas, Lajes (em espera).

4.2. Tem larga colaboração em jornais regionais e outras publicações, com destaque para *Ilha Maior*, *Diário Insular*, *Telégrafo* e *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*; deu alguma colaboração à RTP-A, RDP-A e Rádio Pico; autor do texto do vídeo sobre Nunes da Rosa, da série “Açorianos de Cultura”, 1998 (RTP Açores); “convidado” da Visita Guiada, RTP 2, sobre a vinha e o vinho do Pico (outubro de 2016).

5.1. Fundador e diretor (cerca de 18 anos) do semanário *Ilha Maior*; fundador e presidente do Círculo de Amigos da Ilha do Pico; fundador e presidente do Clube de Ténis da Madalena; presidente da Assembleia Geral e membro da mesa da Santa Casa da Misericórdia da Madalena; presidente da assembleia geral da Rádio Pico; presidente e secretário da assembleia geral do Futebol Clube da Madalena; vice-presidente da Associação de Futebol da Horta; membro da Confraria do Vinho do Pico; presidente da Associação dos Amigos do Canal.

5.2. Deputado regional dos Açores, eleito pelo círculo do Faial; deputado municipal da Horta, onde foi candidato à presidência; vereador municipal da Madalena, onde foi candidato à presidência; presidente da comissão diretiva da Paisagem da Cultura da Vinha do Pico.

5.3. Agricultor, pouco e às vezes. Morador na RIG (República Independente do Guindaste).

5.4. Aposentado desde 1 de outubro de 2013 e senhor do seu tempo.

TEMA 3.5. “Miguel Real, escritor picaroto”

Primeiro foi “a poesia, os Açores e a filosofia” de José Enes a trazerem Miguel Real ao Pico e a deixarem-no encantado com a “montanha do meu destino”.

Depois, “como se rezasse à montanha”, Luísa Franco contou a sua e a história de sua avó, vítima da tragédia do Titanic, sempre com o Pico à ilharga e sob a responsabilidade maior de Miguel Real.

Finalmente, mesmo quando a Europa acabar, será na ilha do Pico que os últimos europeus acharão o espaço propício à reaprendizagem da vida, até a parir de novo, porque isso dava muita canseira e havia outros processos de procriação.

O último europeu morrerá, no Pico, em 2999.

Os americanos levarão toda a gente, destruindo o que resta – não sei se há alguma analogia recente! -, mas, sorrateiramente escondido, escapará um descendente picaroto e uma descendente da “Nova Europa” e talvez, a ilha seja um farol útil, ao contrário do que dizia Chateaubriand. Talvez!

É outra condição de ilhéu, sugerida pelo romance de Miguel Real, *O Último Europeu*.

A ilha tem sempre um encanto e foi numa ilha, a Ilha dos Amores, que Luís de Camões festejou a glória dos descobridores da Viagem à Índia, lugar bem mais aprazível, do que o *Pigalle* de Gonçalo M. Tavares.

TEMA 3.1. Bibliografia Geral da Açorianidade, co o Pico à vista

É uma extensíssima lista bibliográfica desenvolvida em dois volumes, com um total de 1648 páginas e cerca de vinte mil entradas, relativas a autores açorianos ou a outros que tenham tratado da temática açoriana.

Há muito a mostrar, além das “vacas felizes”, sobre os Açores e as suas gentes.

Ser dos Açores é muito mais do que ter nove ilhas lá longe, no meio do Atlântico, de onde vem o anticiclone. Vitorino Nemésio, ainda não suplantado, explicou muito bem o que era a açorianidade, dizendo que para nós “a geografia vale outro tanto como a história”.

A geografia continua a valer muito hoje, mesmo que alguns políticos, pela conveniência da argumentação, para enganar bairrismos de sempre, uns claros, outros escondidos, apregoem o fim da geografia, como marca decisiva da nossa natureza e essência.

Talvez um caso especial more na Comunidade do Canal, onde a história terá suplantado a geografia e ainda teime em perdurar, apesar de haver alguma resistência e tentativa de impor a geografia, como elemento de igual valia. Não será estranho o facto de as duas ilhas, desde sempre, terem sido consideradas como se de uma só ilha se tratasse.

Sem querer aprofundar esta temática, neste momento, por inadequado, gostava de falar antes de “geografias”, cada uma delas associada à sua ilha, para no contexto desta obra em apreço, referir o caso particular de uma ilha fora da tripolaridade.



TOMOU PARTE NA APRESENTAÇÃO DA BGA NO PICO EM DEZ 2017

SÓCIO AICL, PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ NUM COLÓQUIO